

## TRANSHUMANISMO: UM NOVO CONCEITO ANTROPOLÓGICO?

Gledinélio Silva Santos\*

---

**RESUMO:** Este artigo visa explicar um posicionamento crítico ao movimento científico-filosófico Transhumanista e à cultura econômica-tecnológica à qual estão correlacionados, bem como lançar um olhar para a busca evolutiva do homem e a fragmentação das potencialidades do sujeito, enquanto indivíduo atuante nesse processo, como agente autônomo.

**PALAVRAS-CHAVES:** Transhumanismo. Existencialismo. Interioridade. Modernidade. Decrescimento.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Numa rápida incursão no tema proposto, podemos fazer algumas observações sobre a modernidade analisando: *a índole cancerígena do homem e o seu paradoxo evolutista*; e chamarmos a isso de Transhumanismo. O pouco que podemos obter de estudos a cerca do que venha efetivamente a ser o Transhumanismo, alguns dos seus ideais podem ser compreendido nas seguintes premissas: 1) a necessidade de combater o envelhecimento, e conseqüentemente eliminar a morte; 2) a efetivação da evolução humana tornando o corpo uma simbiose cibernética. Com base nesses dois argumentos – que consideraremos como os pilares transhumanistas – interessam-nos observar o processo da evolução humana em sua historicidade a partir daquilo que compreendemos como início da modernidade; o distanciamento do homem com a natureza, utilizando-se dela para extração de seus recursos naturais. Nessa perspectiva, podemos nos indagar como as idéias humanistas, eclodidas na Renascença, influenciaram os discursos filosóficos e científicos na contemporaneidade.

---

\* Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: g.nelio@hotmail.com



Enquanto cientistas e filósofos clamam por uma evolução humana biológica e/ou intelectual, o processo de declínio e contradição aos conceitos pertinentes à temática humana, seguem inerentes à consumação da busca evolutiva cibernéticas. As tecnologias se mostram cada vez mais como um bem essencial à vida do homem pós-moderno, ao mesmo tempo essa evolução e desenvolvimento humano-tecnológico remetem a uma discussão criteriosa quanto aos caminhos tomados nessa busca. Tornar possível uma simbiose tecnológica não acarretaria decretar o fim da espécie humana, biologicamente concebida, criando uma nova espécie? Não será o *homem* o próprio cancro de si mesmo? Será possível e/ou necessário ainda pensar em humanismo, visto que o pensar no ser se tornara esquecido?

Para além do discurso científico com o qual tentam validar tais argumentos, é necessário rever, acima de tudo, as questões éticas dentro desse novo cenário histórico-cultural. A autonomia dos sujeitos-indivíduos sofreu grandes intervenções ao longo de todo processo industrial-tecnológico. Muitas das quais se caracterizam como uma subserviência cega dos homens para com as máquinas. As problemáticas intrínsecas à temática tratada nesse texto requerem uma análise filosófica profunda; que torne possível a compreensão desse problema evolutivo e existencial do homem. Para tal, é necessário uma dialogicidade entre alguns conceitos metafísicos, éticos, fenomenológicos; bem como lançar um olhar ontológico que possibilite o conhecimento do *ser* nessa complexidade. Entretanto, antes de tudo, é preciso evocar as duas perguntas principais da Antropologia, mesmo sabendo da impossibilidade de respondê-las de modo cabal: *Quem é o homem? O que é o homem?*

## **2 A EVOLUÇÃO ENQUANTO BUSCA HUMANA**

A história humana pode ser narrada por múltiplos olhares, dentre os quais, um deles ilustra sua peregrinação terrestre em busca de superações. Sejam elas físicas, intelectuais, religiosas, bem como tudo quanto for relativo à existência do homem. Embora essa mesma história revela-nos quão desastrosas e obscuras foram tais investidas, marcando de forma indelével a dubiedade de suas potencialidades. Mostrando-o, ora como uma espécie magnífica, ora desprezível. Possivelmente a arte da *busca* está intimamente



ligada ao homem, e de fato está, ou deveria, como bem advertiu Sócrates, sobre a dignidade de uma vida em função de uma busca pessoal. Superar as próprias virtudes e, sobretudo, suas limitações, tem se tornado desde sempre o fio condutor no processo humano para seu desenvolvimento. É preciso que o homem se conheça, e se reconheça como agente transformador ativo nessa dinâmica. Elucida-nos Paulo Freire sobre essa questão: “Não apenas temos sido inacabados, mas nos tornamos capazes de nos saber inacabados. Aí se abre para nós a possibilidade de inserção [sic] numa busca permanente” [...] (FREIRE, 2010, p. 75).

Ao passo que a história revela o quanto o *Homo-sapiens* evoluiu seu intelecto, o mesmo não se pode afirmar acerca do seu corpo. Quanto mais moderno se tornou os mecanismos para subsistência do homem (de caçador a consumidor de hipermercados), tanto mais fragilizado/sedentário se tornou seu corpo. As evoluções tecnológicas que deveriam reverter essa situação, especificamente a ciência em seus estudos contra doenças, foram insuficientes para permitir que a evolução do homem se desse de forma homogênea. Com isso, cresce o discurso sobre a necessidade de evoluir o *Homo-sapiens* para o “nascimento” do *Machina-sapiens*.

O homem tenta encontrar nessa fabulosa vida futurista as soluções para seus problemas. Tornar a superação dessa condição humana é a pretensão daqueles que se denominam Transhumanistas. Transcender<sup>1</sup> o homem para além da condição humana (o homem pós-humano). Sobretudo no que diz respeito à morte, que nas prerrogativas transhumanistas alegam que: vencendo a morte, as portas abrir-se-ão para o homem expandir seus conhecimentos e, tornando-se um ser híbrido (homem-máquina), eliminar-se-á as doenças da velhice. Entretanto, quando os interesses de uma superestrutura (política, econômica, industrial) ditam as regras, quais as garantias de que a vida e a liberdade dos indivíduos serão respeitadas sem que elas sejam corrompidas pelos interesses do Estado?

---

<sup>1</sup> “Transcendência significa ultrapassagem. [...] Formalmente, a ultrapassagem pode ser compreendida como uma “relação” que se estende “de” algo para “algo”” (Cf. HEIDEGGER, 2008, p. 149, grifos do autor). Para Heidegger, transcender é algo próprio do ente enquanto *ser-aí humano*. De modo que a transcendência se torna a essência do sujeito: “O sujeito nunca existe antes como “sujeito”, para então, *caso* subsistam objetos, *também* transcender; mas *ser-sujeito* quer dizer: ser um ente na e com transcendência” (HEIDEGGER, 2008, p. 149, grifos do autor).



### 3 SUBSERVIÊNCIAS DA MODERNIDADE E O DETRIMENTO DA AUTONOMIA

Pós-modernidade, pós-industrialismo, hipermodernismo, seja qual for o termo a ser usado para denominar a atualidade; com o advento da democracia oriunda da ascensão burguesa no declínio do feudalismo no início da modernidade, o homem vislumbrou a possibilidade de viver sua liberdade e sua cidadania validadas pela lei. Outorgando-o ao mesmo tempo a assumir compromissos para com a sociedade, constituindo então um estado democrático de direito.

A possibilidade da imortalidade terrena atrelada a uma simbiose cibernética, cela por definitivo a subserviência tecnológica a qual se organizou esse processo evolutivo da humanidade. Ainda que tal cárcere não seja clarividente, ou admitido. Em uma época não muito longínqua, via-se o homem moderno reunido com sua família em torno da televisão, alienados, consumindo horas dos seus dias. Num controle comportamental disfarçado de entretenimento<sup>2</sup>. Subvertendo a realidade das coisas. A domesticação forjada sobre o pretexto de lazer. Uma submissão às tecnologias modernas, enraizada por bombardeio de propagandas midiáticas que vendem a idéia de que as tecnologias estão dispostas para suprirem as necessidades humanas, e resolverem seus problemas. Deixando o homem subserviente, manipulando-o psicologicamente.

O Estado que se estabelece como uma trindade onipotente, como outrora citado, não permitirá que a superestrutura entre em colapso. Ele bem sabe quanto o ócio tendência o homem a lutar contra suas mazelas, seus algozes. Por isso, para ele, mais vale um homem domesticado do que um libertário agitador.

Arthur Schopenhauer (1788-1860) tratará da questão alienatória do homem frente às questões que o assolam em seu livro *As dores do mundo* (1913). Ele observará o homem sob dois aspectos: primeiramente o homem será visto como o mantedor da espécie. Sua necessidade de procriação torna-se assim sua primordial característica; a

---

<sup>2</sup> Georg Orwel descreve em seu livro *A revolução dos bichos* (2007), como o homem se consome diante da TV. Tal comportamento é observado pelos animais, que cansados da tirania de seu proprietário, organizam um motim, assumindo o controle da fazenda (Cf. ORWELL, 2007, p. 13). Comportamento humano esse que acabará sendo absolvido pelos bichos. A soberba, a paixão pelo poder, a ganância, a entrega aos prazeres humanos serão as causas do declínio de tal enredo.



segunda observação que o filósofo alemão fará, será ver o homem como um ser apático, que foge às responsabilidades como indivíduo transformador de sua vida, quando estas se lhe apresentam. Todavia, o homem considerará tais obrigações a ele impostas como um fardo, portanto repudiará sobre a justificativa deste aborrecimento perturbar sua paz.

O que ocupa todos os vivos e os conserva em contínua actividade, é a necessidade de assegurar a existência. Mas feito isto, não sabem que mais hão de fazer. Assim o segundo esforço dos homens é aliviar o peso da vida, torná-lo insensível, matar o tempo, isto é, fugir do aborrecimento. [...] O Estado considera-o como uma calamidade pública, e por prudência toma medidas para o combater. Êste flagelo, que não é menor que o seu extremo oposto, a fome, pode impelir os homens a todos os desvarios; o povo precisa *panem et circenses* [...] (SCHOPENHAUER, 1913, p. 45-46).

O homem busca nos prazeres o refúgio necessário para livrá-lo do peso de seu comodismo. Por isso cultiva uma vida social que lhe sirva de salvaguarda pra viver entre tantos iguais. Que tiram de si, o peso desse fardo a ele legado de geração a geração. E quando se vê o homem indagado sobre tais questões, esquiva-se, prontamente, atribuindo tais preocupações a assuntos de filósofos.

O convívio social e a capacidade de se igualar aos outros retira a responsabilidade do indivíduo perante a sua existência. No aconchego da vida, socialmente justificada, o indivíduo pode levar uma vida de aparência e disfarce, agindo exteriormente, representando papéis, seguindo normas e conveniências. Resultado: abandona a tarefa de existir, transformando a liberdade em um conceito que deve ser discutido em vez de expressão dos seus atos mais cotidianos (MARTINS, 2010, p. 94).

Notoriamente o homem moderno mostra-se inerte à sua condição sub-humana, alienado, restrito como sujeito autônomo, incapaz de conhecer a si mesmo; não por uma impossibilidade intransponível, mas sim, por sua definição, segundo a metáfora Freireana de um sujeito bitolado, irreflexivo<sup>3</sup>. A necessidade de afirmação pessoal do sujeito socializado rege o compasso da vida moderna do homem, que se entrega ao trabalho, cujas atividades na maioria das vezes nada contribuem positivamente para sua *busca*. Abandonando a solidão introspectiva, fugindo do aborrecimento, entregando-se às

---

<sup>3</sup> Paulo Freire, ao falar da *curiosidade* como ferramenta necessária para que as pessoas se tornem seres capazes de indagar-se sob seu cotidiano, sobre si mesmo; toma como exemplo um sujeito, denominado por ele de Pedro, no qual suas tarefas diárias são executadas sem a reflexão do “porque” (Cf. FREIRE, 2010, p. 76-77).



atividades triviais, interações sociais cuja finalidade única é tão somente posar de sujeito social perfeito.

Os homens assemelham-se a relógios a que se dá corda e trabalham sem saber porquê; e sempre que vem um homem a este mundo, o relógio da vida humana recebe corda de novo para repetir mais uma vez o velho e gasto estribilho da eterna caixa de música, frase por frase, compasso por compasso, com variações quase insensíveis (SCHOPENHAUER, 1913, p. 50).

O Estado revela-se como uma força superior à cidadania dos indivíduos, pois é ele quem dita às regras da mesma, lembrado aos cidadãos de cumprirem seu dever cívico somente quando chegado a hora de um novo pleito político. No entanto, quando o Estado alcança seus interesses, torna a reger a vida do homem sob sua batuta, assegurando que ele será um cumpridor fiel às suas vontades; disfarçado-as de interesses do povo. E como o homem está ocupado demais em não angustiar-se, ele simplesmente ignora a tudo; acreditando que existe algo/alguém que, efetivamente, zela por ele.

Não há surpresa alguma diante de tal controle do Estado sobre a vida do homem, visto que este mesmo homem se mostrou até aqui conivente com a questão. Obviamente que se questionado sobre a possibilidade de uma vida futurista tecnológica como a prevista por Raymond Kurzweil<sup>4</sup> (1948), certamente que o apoio ao projeto Transhumanista seria aceito. Afinal, renegar a tecnologia de seu cotidiano seria como lhe decapitar um membro, ainda que seu corpo não possua uma estrutura biomecânica e/ou cibernética. O deslumbramento do homem com a modernidade e seus apetrechos tecnológicos é de tal modo, que a imaginar-se sem eles, seria como se lhe privassem de seus bens mais essenciais.

Outrora as ambições humanas miravam outro horizonte. Seu olhar metafísico almejava alcançar a plenitude da vida eterna, exterior à vida terrena. Isso sempre foi condicionado a uma tarefa maior que o exercício da vida mortal. Desde a filosofia grega clássica, a transcendentalidade (*post mortem*) sempre foi uma questão latente e tenaz.

---

<sup>4</sup> Raymond “Ray” Kurzweil - Inventor e futurista. Autor do livro *The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology*, lançado em 2005, em que autor tenta prever o que se espera de um futuro próximo, no qual as relações-interações tecnológicas dos homens com as máquinas, não se restringirão tão somente como narrado nas ficções, mas, se darão de tal forma, que os conceitos de *homem e máquina* serão algo estritamente relativo.



Uma vida paradisíaca em um plano superior sempre foi narrada como um mundo melhor a ser vivido. Ironicamente, apesar de, na maioria das vezes a vida do homem se mostrar um fardo imposto, um trabalho a ser exercido sem direito a recusa, no entanto, seu apego à vida terrena torna o encontro com a morte uma condenação abominável.

#### 4 LONGEVIDADE DA VIDA – DETERIORAÇÃO DA ESPÉCIE

É possível compreender o homem (*homo*) como a única espécie capaz de findar a sua própria existência. Doravante não seja ele em toda Natureza (*Gaia*) a única espécie que promove sua auto-extinção. Ainda que Schopenhauer contraponha esse argumento em sua *metafísica do amor*, ressaltando a busca do homem pela preservação da espécie. Espécie essa que viria a extinguir-se, se de fato consumir o nascimento do *machina-sapiens*. Inevitavelmente ceda o homem sua existência a um ser cibernético, a procriação em si, já seria uma impossibilidade da *natureza humana*. Contudo, entre o viver e o morrer, existem peculiaridades outras, restritas tão somente à vida do homem: as que lhe enchem a vida de prazeres e aquelas que lhe causam tormento. Entretanto, quanto aos tormentos, nem a longevidade, nem a tecnologia podem findar.

Ao tormento da existência vem ainda juntar-se a rapidez do tempo, que nos inquieta, que nos não deixa respirar, e se conserva atrás de cada um de nós como um vigia dos forçados de chicote em punho. - Poupa apenas aqueles que entrou ao aborrecimento. Portanto, assim como o nosso corpo rebentaria se estivesse sujeito à pressão da atmosfera, do mesmo modo se o peso da miséria, do desgosto, dos revezes e dos vãos esforços fôsse banido da vida do homem, e excesso da sua arrogância seria tão desmedido, que o faria em bocados ou pelo menos o conduziria à insânia mais desordenada e até à loucura furiosa (SCHOPENHAUER, 1913, p. 29-30).

O homem se esquivava da morte porque não a compreende. Apega-se aos prazeres de sua vida, pouco se importando com a possibilidade de uma vida celestial que supostamente poderia conquistar com a passagem para a vida *post mortem*. Mesmo declarando, piamente, acreditar em um mundo externo a este no qual ele segue errante. Essa alusão revela o lado contraditório do homem, sobretudo, aqueles que buscam o céu de



anjos, santos, mártires, e inúmeras outras entidades espirituais. Mas, como o homem que mal conhece a si mesmo poderá vir a conhecer o que está externo a ele?

E assim como sob o ponto de vista físico o andar não é mais do que uma queda sempre evitada, da mesma maneira a vida do corpo é a morte sempre suspensa, uma morte adiada, e a actividade do nosso espírito um tédio sempre combatido... É preciso emfim que a morte triunfe, pois lhe pertencemos pelo próprio facto do nosso nascimento e ela não faz senão brincar com a presa antes de a devorar. É dêste modo que seguimos o curso da nossa existência, com um interêsse extraordinário, com mil cuidados, mil preocupações, durante todo o tempo possível, como se sopra uma bola de sabão, aplicando-nos a enchê-la o mais que podemos e durante muito tempo, não obstante a certeza que temos de que ela acabará por rebentar (SCHOPENHAUER, 1913, p. 43).

A morte encarada pelos transhumanistas como um problema a ser resolvido, mostra-se, através da historicidade humana, que não é em busca da longevidade que ela será resolvida. Uma vez que existem inúmeros outros problemas seculares pertinentes ao homem, que se mantiveram insolúveis ao longo dos tempos, cuja modernidade com toda sua tecnologia só os fizeram piorarem. Não seria difícil encontrar, com um olhar mais atencioso em toda tradição filosófica, um argumento que seja favorável a defender a tese de que o problema maior na existência do homem, não é aquilo que está para além dele, mas unicamente em si mesmo, o seu próprio existir.

## 5 O HOMEM – UM ETERNO DILEMA

É do senso comum, acreditar que o *mundo* é um ente, um ser supremo, cujas vontades, quase sempre negativas (miséria, fome, maldade, etc.), condenam incessantemente o *homem* a penar por sobre a terra. Como um senhor a torturar seu escravo em seu grilhão às chibatadas. Loucura! O *mundo* é tal qual como tal - diferente da vontade que o *homem* quer que ele seja, vindo a ser aquilo que o próprio *homem* o torna - pelo simples fato *dele* ser um reflexo do próprio *homem*. “Por fim, o conceito de mundo deve ser entendido de tal modo, que o mundo realmente seja subjetivo, mas que justamente por causa disto não caia como um ente na esfera interna de um sujeito ‘subjetivo’” (HEIDEGGER, 2008, p. 171). Em outros termos: O *homem* é responsável por





aquilo que o *mundo* se tornou. E não a sua suposição oposta. Da mesma forma, assim é o *homem* para o *homem*. Jean-Paul Sartre (1905-1980) descreverá o homem em *L'existentialisme est un humanisme* (1987), como um indivíduo contrário ao qual esboçava o humanismo clássico:

O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. [...] Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. [...] De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. [...] a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira (SARTRE, 1987, p. 4-5).

De tal modo o homem é responsável sobre si, sobre a humanidade, e sobre o mundo que ele vive. Como no adágio popular, igualmente conhecido como a regra de ouro cristã, na qual, semelhantemente é reconhecido na ética kantiana; quando exortam aos homens a não desejarem para os outros, aquilo que não desejam para si mesmos. Sua existência prevalecendo, constituindo-o da sua essência. Que nas concepções humanistas da idade média até a atualidade, pressupõe como a essência fundamental do homem o exercício do seu *logos* (*ego cogito*), o que neste caso implica dizer que na concepção universal: “o homem é definido como *animal rational*” (HEIDEGGER, 2008, p. 335). Essa sua capacidade de pensar, de exercer o seu *ratio*, requer de si, a necessidade da constante interpelação, do ocupar-se em responder a si mesmo o significado da sua essência; de não fugir da sua humanidade para tornar-se humano: “humanismo é isto: meditar e cuidar para que o homem seja humano e não des-humano “*inhuman*”, isto é, fora de sua essência. E onde, pois, reside a humanidade do homem? Repousa em sua essência” (HEIDEGGER, 2008, p. 332, grifos do autor).

Agisse assim o homem, exerceria a sua característica essencial de ser. Ainda que a sua autonomia enquanto sujeito transformador exige de si muito mais uma busca pessoal do que uma condição plena a ele concedida. Exercitar cotidianamente sua reflexividade. O seu conhecer a si mesmo Socrático em sua plenitude. Libertando-se das amarras alienatórias da opinião pública fundamentada pelo intervirmos daqueles que impõem seu poder, renegando ao homem o direito de exercer uma vida ética, sua cidadania, cujas ações



moldassem de maneira significativa toda humanidade. Nessa cosmovisão de mundo ao qual o homem é visto como referencial, cujas ações individuais de cada sujeito se relacionam diretamente com a de tantos outros; tivesse ele consciência de seus atos, converteria a concepção pejorativa da *opinião pública* (Cf. SARTRE, 1987, p. 6) que ela tem em si, para um outro significado. Além daquela que a caracteriza como lei normativa imposta pela *maioria* que recebe por fim a alcunha de *voz divina*.

Eis a ferida que não cicatriza: o trabalho existencial do homem. Seja o *aborrecimento* ao qual se referia Schopenhauer, ou a *angústia* da qual se referiu Sartre, a concepção é a mesma. Esta é a força motriz da mudança, da transformação: a angústia, o aborrecimento. Transformação essa distinta da qual pleiteiam os Transhumanistas, pois a modernidade, como vimos, tornou o homem escravo da tecnologia, refém do consumismo e inerte de sua condição. Indignar-se com essa imagem aborrece o homem, o angustia, exigindo de si a necessidade de mudança. O exercício racional vigorando a criticidade ante a sua realidade existencial. De tal modo que sua vida não seja uma casualidade insignificante, um mero viver:

Por meio desta capacidade “crítica” para distinguir, que é sempre uma decisão, o homem sai do estado de posse de aquilo que o oprime e preocupa e se vê postado na relação com o ser, torna-se ex-sistente em sentido verdadeiro, ele ex-siste, ao invés de meramente “viver” e de apanhar a “realidade” nas “cercanias da vida”, onde essa “realidade” é apenas o refúgio para uma fuga em relação ao ser (HEIDEGGER, 2008, p. 276-277, grifos do autor).

Longe de uma contrapartida, que mais se mostra como uma utopia ética, na cotidianidade do homem sua vida segue a deriva. À medida que lhe é oferecido pela modernidade uma possibilidade de vivenciar um mundo melhor jamais visto, sem que isso lhe implique a tomada de decisões difíceis; ele segue indigente de si mesmo, vivendo por viver. Acreditando piamente que a modernidade lhe dará todo bem-estar necessário. Esse é o seu sonho, no qual o homem derrama suor e sangue, e abandonar a ele é uma tarefa árdua à qual ele prefere fugir. Uma postura libertária que validasse o senhorio sobre si, sobre a sua evolução humana, sobre o desenvolvimento como um todo possibilitaria tamanha catarse existencial? Compreender o que significa *ser-aí* no mundo seria assim o



primeiro passo a ser tomado? Que via contrária lhe é apresentado contra esse nihilismo moderno?

## 6 DECRESCIMENTO E A CONTRAMÃO DO SISTEMA

Enquanto a temática da vez, vista pomposamente como um discurso politicamente correto clama a sociedade a abraçar o Desenvolvimento Sustentável; a finitude dos recursos naturais põe em xeque essa possibilidade. A modernidade mal começou a escrever com punhos cartesianos sua história, já sentia as dores de parto do capitalismo. Sistema pelo qual o desenvolvimento econômico, político e cultural se guiarão. Nem mesmo a fé escaparia – como de fato não escapou – ao seu domínio. O ser humano sobre a égide do seu espírito mais *Depredador* utilizou-se de todo ecossistema de maneira desastrosa, culminando em um revés da natureza, trazendo conseqüências impactantes em todo planeta. Tamanha irracionalidade pró-evolutiva tornou natimorto o *desenvolvimento sustentável*, reverberando numa busca cultural que sustentasse tal contrapartida denominado-a de *decrescimento*.

O decrescimento é um *slogan* político com implicações teóricas, uma “palavra-obus” [...] que visa acabar com o jargão politicamente correto dos drogados do produtivismo. [...] A palavra de ordem “decrescimento” tem como principal meta enfatizar fortemente o abandono do objetivo do crescimento ilimitado, objetivo cujo motor não é outro senão a busca do lucro por parte dos detentores do capital, com conseqüências desastrosas para o meio ambiente e portanto para a humanidade (LATOUCHE, 2009, p. 4-5, grifos do autor).

Não obstante, algumas perguntas antes discutidas entre os ambientalistas, ganharam proporções maiores, de modo que essa temática chegou a todas as esferas sociais. Tais como: É preciso continuar com o desenvolvimento apesar das conseqüências ambientais que ele causa? Será o crescimento econômico a principal meta do homem, sobretudo quando esse crescimento se restringe a uma minoria absurda que multiplica seus ganhos em detrimento da imensa maioria marginalizada?

A modernidade adestrou o homem a consumir além de suas verdadeiras necessidades para sobreviver. Nesse mesmo adestramento, colocou-o no centro do mundo,



tornando-o competitivo, individualista e soberbo. Seus desejos mais ternos transformados num egocentrismo desprezível, cujo suas conquistas pessoais sobreponham à dignidade e o respeito do outro. Tamanha obsessão levou o homem à loucura endeusadora do seu Eu. Um *eu* individualista. Do individualismo subversivo na dinâmica industrial-capitalista, que o endeusa como estratégia econômica diferentemente do Eu (*Selſ*) Kierkegaardiano.

Todo o pensamento de Kierkegaard está voltado para a questão do indivíduo singular. Ele busca compreender a realidade existencial como a relação do indivíduo com a sua existência. [...]. A exigência colocada pelo pensamento kierkegaardiano é de que o indivíduo deve ter a responsabilidade diante do existir, à medida que a existência é um movimento. Inversamente, a existência não é algo pronto ou uma substância, ela é algo totalmente singular, um processo (MARTINS, 2010, p. 90).

A humanidade apoderou-se da pseudo-superioridade criacionista; subjugando e dominando outras espécies bem como de todos os recursos naturais em prol do gozo de seus prazeres. Tornando o *especicismo* o argumento axiomático pra validar a superioridade do homem enquanto espécie dominante sob a ótica humanista clássica. Para Jean-Paul Sartre “Tal humanismo é absurdo, pois só o cachorro ou o cavalo poderiam emitir um juízo de conjunto sobre o homem e declarar que o homem é admirável” (SARTRE, 1987, p. 18).

Não será um argumento novo dizer que o homem caminha para sua total extinção. Já o começara a fazer quando se elevou perante todas as espécies. Seja numa revolução anarcoprimitivista<sup>5</sup>; ou, passe o homem simplesmente a compreender sua relação com o mundo e consigo próprio; é preciso superar as limitações de uma concepção de vida mesquinha e limitada de exercício racional. Alguns hão de chamar de *anacronismo* uma possível cisão com a modernidade. Outros defenderão tal postura, salientando a necessidade de uma redefinição total da estrutura social vigente. Não permitir que os recursos naturais sejam suprimidos, se olharmos a forma consumista com a qual encaramos a natureza, significa tomar consciência se, de fato, podemos nos auto-intitular *homo-sapiens*.

---

<sup>5</sup> Anarcoprimitivismo – corrente anarquista que critica o progresso civilizatório. No qual defendem o retorno a meios não-“civilizados” de vida através da desindustrialização, abolição da divisão de trabalho ou especialização e o abandono da tecnologia moderna.



Visto em toda essa complexidade, a existência humana agride a si e a todos. Tamanha agressão se revela em suas ações mais cotidianas. Os paradoxos pelos quais ele se encontra, torna demasiado nebuloso compreendê-lo. Um humano-desumano, que se desenvolve deteriorando-se, que busca a vida causando a morte, que se vangloria de sua liberdade enquanto permanece em cárcere. Obviamente que tudo isso não significa dizer que o homem não deva existir. Mas sim, salientar a necessidade de uma postura auto-avaliadora, a qual todo homem deve assumir. O que nos remete a observarmos o tema proposto e questionarmos: visto sob a etimologia da palavra *evoluir*, não será a evolução um paradoxo?

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o tema apresentado inclina a uma conclusão *precoce* de que tal assunto, aparentemente, não é tão comum em algumas discussões sobre o homem; sobretudo no que diz respeito ao Transhumanismo. A falta de uma abordagem menos *tendenciosa* a validar essa investida da ciência em possibilitar o “nascimento” do *machina-sapiens*, bem como a míngua de artigos acadêmicos a cerca do mesmo, motivou-me a escrevê-lo. Tal ímpeto dissertativo poder-se-á ser considerado demasiado inconsistente. Entretanto, como exposto, ao longo do presente texto pode-se perceber que o mosaico composto dessa temática não é algo novo em toda historicidade humana, nem tão pouco é um problema novo para a filosofia.

Em face de tudo que fora apresentado, o homem permanecerá sempre como uma eterna incógnita. Uma busca que não tem fim. O homem antropocêntrico quis apossar-se de si, mas à medida que ele colocou-se em primeiro plano, distanciou-se de si mesmo. Esse objeto filosófico chamado *homem*, revela sua infinita inconstância. O que nos remetem às duas perguntas iniciais: *Quem é o homem? O que é o homem?* Perguntas estas que devem valer sua tenacidade. Pois é de fundamental importância que elas sejam feitas.

Rever valores, colocar as “verdades” à prova. A filosofia narrou, e travou ao longo do tempo, uma luta árdua com o seu objeto: o homem. E, por muito tempo ainda há de continuar nesse labor. Seria pretensioso para a filosofia assumir para si a salvação do



homem, nem mesmo esta é a sua pretensão. A filosofia, através dos filósofos, sabe que a ela cabe tão somente um papel de coadjuvante na história do existir e, por isso mesmo, busca a sabedoria.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

HEIDEGGER, Martin. A essência do fundamento. In: \_\_\_\_\_. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 134-188.

\_\_\_\_\_. A essência e o conceito da Φύσις em Aristóteles. In: \_\_\_\_\_. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 251-314.

\_\_\_\_\_. Cartas sobre o humanismo. In: \_\_\_\_\_. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 326-376.

KURZWEIL, Raymond. **The Singularity Is Near: when humans transcend Biology**, 2005.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARTINS, Jasson da Silva. Kierkegaard e Hegel: ou o indivíduo contra a corporação. **Revista Pandora Brasil**, n. 23, Outubro de 2010, p. 90-101.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Pensadores).

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**. Lisboa: Edições Santos & Vieira, 1913.



Gledinélío Silva Santos  
<http://lattes.cnpq.br/4817151560311034>

